

**LGBTT'S POR UM OUTRO PONTO DE VISTA: A
REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE E IDEN-
TIDADE DE GÊNERO NO ANIMÊ JAPONES
SAKURA CARD CAPTORS**

MARCELO PIRES DE OLIVEIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
SANTA CRUZ, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
MPOLIVEIRA@UESC.BR

UESLEI MADUREIRA SÁ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
SANTA CRUZ, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
UESLEIMADUREIRA@GMAIL.COM

[HTT P://DX.DOI.ORG/10.5902/2316882X25717](http://dx.doi.org/10.5902/2316882X25717)

LGBTT'S POR UM OUTRO PONTO DE VISTA: A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO NO ANIMÊ JAPONÊS SAKURA CARD CAPTORS

Resumo: Este trabalho tem como foco a análise do animê japonês Sakura Card Captors, que aborda, sutilmente as afetividades no início da adolescência em meio a formação cultural nipônica e a possibilidade de alterar o ponto de vista sobre a temática LGBTT. Buscamos apresentar o modo como o qual a sociedade ocidental trata a temática LGBTT e como o conteúdo do material do animê foi modificado para exibição nos países ocidentais, principalmente em relação a sua distribuição para o mercado infantil. Palavras chave: Animês; LGBTT; Cultura Japonesa

LGBTT'S POR UN OTRO PUNTO DE VISTA: LA REPRESENTACIÓN DE LA SEXUALIDAD Y IDENTIDAD DE GÉNERO EN EL ANIMEN JAPONES SAKURA CARD CAPTORS

Resumen: Este trabajo tiene como foco el análisis del animado japonés Sakura Card Captors, que aborda, sutilmente las afectividades al inicio de la adolescencia en medio de la formación cultural nipona y la posibilidad de alterar el punto de vista sobre la temática LGBTT. Buscamos presentar el modo como el que la sociedad occidental trata la temática LGBTT y cómo el contenido del material del animé fue modificado para exhibición en los países occidentales, principalmente en relación a su distribución para el mercado infantil.

Palabras clave: Animes; LGBTT; Cultura Japonesa

LGBTT'S FOR ANOTHER POINT OF VIEW: THE REPRESENTATION OF SEXUALITY AND GENDER IDENTITY IN JAPANESE SAKURA CARD CAPTORS

Abstract: This work focuses on the analysis of the Japanese animator Sakura Card Captors, which subtly approaches the affectivities in the beginning of adolescence in the midst of the Nipponese cultural formation and the possibility to change the point of view on the LGBTT theme. We aim to present the way in which Western society treats the LGBTT theme and how the content of the anime material was modified for display in Western countries, especially in relation to its distribution to the children's market. Keywords: Animes; LGBTT; Japanese culture

1 INTRODUÇÃO

Numa época em que existe a busca pela tolerância, quando se procura um mundo no qual todos possam conviver harmoniosamente, independente de sua sexualidade, religião, etnia, ou nacionalidade, o discurso LGBTT¹ propõe a compreensão das diferenças na sociedade hodierna. É preciso, porém, aclarar para todos que existem diferenças entre sexualidade e identidade de gênero, além de analisar o modo como a grande mídia repercute os diferentes casos sobre estes temas. Estudar os mangás e quadrinhos, como uma forma de mídia alternativa, e que geram os animês, desenhos animados, que são largamente exibidos na televisão (canais abertos e fechados), abre uma possibilidade de perceber as modificações na maneira como estes temas são tratados e propiciam, para as crianças e adolescentes do século XXI, a oportunidade de ter um contato mais leve, e até mesmo mais adaptável com a realidade, e o discurso de sexualidade e identidades de gênero.

2 A TEMÁTICA LGBTT E A REALIDADE BRASILEIRA

No Brasil, assim como em grande parte da América Latina, a formação de sua cultura se deu basicamente pelos conteúdos midiáticos de Rádio, TV e Cinema. Atualmente é comum perceber conversas pautadas por assuntos que estão em foco na mídia e que nos anos recentes, a temática LGBTT tem tomado grande visibilidade. Após as lutas a favor do feminismo e contra o racismo, que foram as maiores lutas sobre direitos sociais na história da humanidade, muitos entendem que a próxima grande batalha seja a luta contra a homofobia e a transfobia. O Brasil é um dos países em que mais se mata LGBTT's, e é necessário entender que não são mortes naturais e sim assassinatos, dentre estes crimes os que envolvem travestis e transexuais são os mais brutais. Esse ódio contra este grupo é fruto de uma sociedade machista formada com bases em fundamentalismos religiosos que por muitas vezes apontam retrocessos em políticas sociais. Pesquisas apontam que os ataques a LGBTT's em sua maioria partem

1 Outras nomenclaturas também são utilizadas como LGBTQ ou LGBTQI, que possuem referências aos Queer e os Intersexuais, neste trabalho vamos nos ater ao uso do termo LGBTT que é o mais utilizado e representa em sua sigla as iniciais de Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

de grupos supostamente religiosos ou neonazistas.

Existem estatísticas compiladas pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) que sugerem que o Brasil é o país com a maior quantidade de registros de crimes homofóbicos do mundo, seguido pelo México e pelos Estados Unidos. De acordo com o GGB, um homossexual é morto a cada 28 horas no país por conta da homofobia (assassinatos e suicídios) e cerca de 70% dos casos dos assassinatos de pessoas LGBTT ficam impunes. Segundo um estudo feito pela Universidade de São Paulo em 2014, sete em cada dez homossexuais brasileiros já sofreram algum tipo de agressão, seja física ou verbal².

Os últimos dados conhecidos, divulgados também pelo GGB em janeiro de 2017³, apontam que em 2016 foram 343 mortes de pessoas LGBTT's registradas no Brasil. Uma morte a cada 25 horas. Este inclusive foi um ano em que os registros de violência bateram recorde, segundo relatório do Grupo Gay da Bahia que, há 37 anos, faz o trabalho de coletar dados e informações nas cinco regiões do país para revelar até onde vão os ataques homofóbicos e transfóbicos. Em 2015, haviam sido levantados 318 casos.

Segundo o levantamento, os crimes contra LGBTT's atingem todas as cores, idades e classes sociais. Segundo os dados, 64% das vítimas eram brancas e 36% negras. A mais jovem tinha 10 anos, a mais velha 72. As mortes de pessoas entre 19 a 30 anos foram a maioria, totalizando 32% dos casos. Em seguida, menores de 18 anos, com 20,6% dos casos. Vítimas já na terceira idade representaram 7,2% dos casos. O GGB aponta que os dados também denunciam a grande vulnerabilidade a que estão expostos adolescentes deste grupo social no país.

O Nordeste é a região brasileira com o maior número de crimes homo/trans fóbicos registrados, sendo os estados da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas os que mais registraram estes tipos de crimes no país em 2007⁴.

Conforme Green e Polito(2004), o mundo assiste hoje a um forte mo-

2 SBT: Pesquisa aponta que 70% dos homossexuais já foram agredidos (3 de maio de 2014). Visitado em 5 de novembro de 2015.

3 Sul 21: A cada 25 horas, uma pessoa morreu vítima de violência no Brasil em 2016 (24 de janeiro de 2017). Visitado em 16 de outubro de 2017

4 Uol: Assassinatos de homossexuais no Brasil cresceram 30% em 2007, diz Grupo Gay da Bahia. (Visitado em 5 de novembro de 2015).

vimento de visibilidade dos homossexuais por meio, principalmente, de políticas públicas empreendidas em vários países, como a concessão de cirurgia para redesignação sexual e a adoção de crianças por pais homossexuais. A mídia neste ponto passa a ter um papel fundamental para modificar o pensamento da sociedade sobre a homossexualidade e a transexualidade. As novelas passaram a abordar com mais cuidado o tema, ainda que seja comum a repetição de estereótipos.

No entanto, há de se concordar que sexualidade é e sempre será um tema polêmico, um assunto que tem que se abordar com muito cuidado. A desconstrução de um pensamento hétero-normativo sendo levada para a grande mídia é um marco na história da luta contra a homofobia. Assim o poder do agendamento (baseado na teoria da agenda-setting) que segundo Barros Filho(2001, p. 169) é "... um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá", mostra-se eficaz, pautando os temas que deveriam estar em debate na sociedade. No Brasil a grande repercussão das telenovelas para o público adulto faz com que este seja o melhor meio para se abordar o tema, ainda que necessário fazer adendos aos estereótipos já ditos. Enquanto as animações tratam dos temas de formas mais difusas e por vezes até mais românticas, as telenovelas têm como hábito expor de forma mais drástica os cenários da sociedade.

Ativistas do movimento LGBTTT cada vez mais fazem críticas a falta de personagens ligados ao real, por exemplo é difícil ver travestis não estereotipadas e/ou gay afeminados que não sejam caricatos. Assim como a representação destes no mercado de trabalho fica restrita mais uma vez aos estereótipos de gay cabeleireiro, maquiador e etc. há, no entanto, uma necessidade maior da mídia de mostrar o gay com um modelo hétero-normativo.

[...] não existem gays afeminados e afetados? Por que eles não podem estar nas telenovelas? Para serem mais aceitos nas telenovelas os personagens necessitam anular suas diferenças e se comportar dentro de um modelo heteronormativo? As formas mais contemporâneas de representações de gays e lésbicas na televisão em geral não refletem, também, o estágio da própria cultura gay atual, que alguns autores relacionam com uma fase pós-gay ou pós-gueto?(COLLING, p. 214)

3 FOUCAULT E A ‘HIPÓTESE REPRESSIVA’

Os quadrinhos e animações como produções culturais, assim como o cinema e o teatro, trazem à tona vários temas em destaque da sociedade e os dramas sociais costumam ser frequentemente abordados em diferentes obras. Enquanto o cinema e o teatro se difundiram como os meios preferências para o público adulto, às crianças eram destinados os contos de fadas, com estórias que retratavam a ingenuidade, sempre com uma lição de moral e buscavam uma completa repressão da sexualidade infantil. A “hipótese repressiva” de Foucault(1999) diz que a sociedade acreditava que era melhor reprimir a sexualidade e evitar dialogar sobre temas polêmicos na mesa de jantar. Mas a sociedade evoluiu e o sexo passou a ser um dos primeiros itens a serem questionados

[...]se o sexo é reprimido, isto é, fadado a proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada (FOUCAULT,1999, p.12).

É importante ressaltar que é na infância que os indivíduos passam a ter a primeira relação com a identidade de gênero, o modo de se portar de acordo com o seu sexo biológico e aceitar ou contestar a sua relação com o mesmo. A partir da análise do anime *Sakura Card Captors*⁵ vamos buscar entender a relação que estes produtos culturais possuem com a formação de novos ideais que modificam os pensamentos quanto a identidade de gênero e a sexualidade.

A presente análise, com a leitura de desenhos animados, se explica pela televisão possuir um lugar de destaque no entretenimento infantil. É nela que muitas das tendências do mundo hodierno acabam por se difundir.

A televisão é um dos meios que assume importância como fonte de informações, modismos, vocabulário, gestual, modos de se portar. Divertindo espectadores com situações cômicas ou dramáticas, recheadas de lugares comuns, sua programação persuade implicitamente a aceitar uma série de valores, crian-

5 Cardcaptor Sakura, ou Kādokyaputā Sakura, em fonética japonesa, cuja tradução literal pode ser: Sakura, a capturadora de cartas

do sonhos de consumo, ideais de estética e de comportamento, modelos corporais que poderão ser aceitos por espectadores. (SIQUEIRA, 2006, p.4)

Considerando a forte influência da cultura japonesa no Brasil a partir dos anos 80 e 90 com os animês e mangás, a escolha do material como foco da análise é fundamental para comparar como muito se modificou ao longo do tempo e como toda uma geração foi afetada por estas histórias contadas de uma forma diferente do hábito do mundo ocidental.

Para a análise destinada, foi escolhida como foco principal a animação *Sakura Card Captors*. A escolha deste animê dá-se pelo fato de a narrativa apresentar os dois temas aos quais a presente pesquisa se propõe estudar, sexualidade e identidade de gênero.

De acordo com Foucault (1999), até o início do século XVII em comparação ao século XIX, as práticas sexuais não eram tão submetidas ao segredo, não havia tanto disfarce e tinha-se certa familiaridade com o que hoje é apontado como ilícito, ou seja, o sexo, e a sexualidade. Todavia, a partir de então, a sexualidade é encerrada para dentro da família, para dentro da casa, com função de reprodução, sendo papel do casal legítimo formado por uma pessoa de cada gênero, por meio de união legal (de preferência religiosa) a ditar a lei, e fazendo assim reinar a norma.

De acordo com as discussões de Foucault, as crianças eram, portanto, destinadas a serem figuras assexuadas perante a sociedade, logo, se não se tem sexo, não são passíveis de discutir sobre ele.

[...] o espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem divisão, com ou sem cortinas), os regulamentos elaborados para vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças. O que se poderia chamar de discurso interno da instituição – o que ela profere para si mesma e circula entre os que a fazem funcionar – articula-se, em grande parte, sobre a constatação de que essa sexualidade existe: precoce, ativa, permanente. (FOUCAULT, 1999, p.30)

Foucault (1999) aponta que o século XVII pode ser visto como início de uma época de repressões, característica impulsionada pela classe social emergente neste período, denominada burguesia, pois o sexo, para ser dominado no plano real, tinha sua livre circulação controlada por meio de discursos, gerando assim um pudor, repercutido de proibições, o que im-

pôs, então, silêncio e censura de alguns aspectos da questão, de maneira disfarçada, uma vez que no mesmo período falou-se muito do tema, mas apenas de questões de higiene e reprodução, ocultando demais aspectos, como escolhas amorosas e sexualidades, de maneira supostamente sutil. Tal período de repressão passa pela formação até mesmo de pré-conceitos, estabelecidos até hoje, no que se diz a identidades de gênero, “durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava as leis que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção.” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

A sexualidade das crianças e adolescentes, a partir do século XVIII, passou a ser fortemente alvo de discussões e foi lançada às instituições pedagógicas a meta de falar do tema não de modo a silenciar, mas de modo a torná-lo como um segredo. O sexo, na sociedade moderna não é condenado a permanecer na obscuridade, mas tem sido exposto à fala, valorizado como algo até exótico, devido a maneira como é dito, ou seja, fala-se como repressão e ilegalidade, associando sexo a doença ou loucura, tratado na escola apenas sob a perspectiva de reprodução e higienização.

A partir desta discussão, compreende-se que a sexualidade é algo como um discurso de poder. Um discurso instalado nas sociedades ocidentais e que tinha como objetivo apenas o controle global de suas ações nos corpos representantes da população. Deste modo, a homossexualidade e a transexualidade tornam-se elementos desviantes do contexto social ao qual se tinha como ideal e neste sentido possuímos o sujeito homossexual e o sujeito transexual como um sujeito não-normativo e que possui em sua própria representação um caráter de afronta as regras preestabelecidas.

4 HOMO/TRANS-SEXUALIDADE

A questão dos direitos homossexuais no mundo é complexa: ela está amarrada à cultura e à história de cada país que têm leis divergentes sobre o assunto. No Brasil, as relações homossexuais foram proibidas entre 1533 e 1830. Contudo, a questão da transexualidade permaneceu obscura por muitos anos, evoluindo significativamente apenas nos últimos 40 anos.

Observando por uma outra ótica, de uma cultura completamente diferente, a islâmica, as relações homossexuais continuam a ser proibidas e

puníveis com a pena de morte ao mesmo tempo em que transexuais são assistidos gratuitamente na realização de operações de mudança de sexo graças a um fatwa (decreto religioso) emitido há mais de vinte anos pelo aiatolá Khomeini. No Irã muitos homossexuais não transexuais realizam a cirurgia para escapar das punições aos homossexuais. No Brasil, algumas transexuais famosas como Roberta Close e Lea T, realizaram cirurgias no exterior pois essas cirurgias eram proibidas no país até meados dos anos 2000. Esses exemplos mostram o quanto é complexa a questão dos direitos homossexuais no mundo e o quanto as leis são rígidas de um lado e frouxas de outro.

Os estudos de Judith Butler(1999)⁶, apontam que a concepção de heterossexualidade é apenas mais uma das sexualidades construídas socialmente. O argumento de Butler(1999), neste sentido, é de que o sexo, assim como o gênero, é materializado por meio de práticas discursivas, de normas regulatórias que não são finalizadas, uma vez que estão em permanente processo de reafirmação, questionando a utilização dos termos “homem” e “mulher” e os corpos reduzidos como tal, assim como a redução dos gêneros em uma polarização binária (masculino e feminino).

Quanto ao que se diz sobre transexualidade a situação é ainda mais complexa, há de se dividir os cisgêneros dos transgêneros. Entende-se por cisgêneros aqueles indivíduos que se manifestam na sociedade como o seu sexo/gênero de origem, já os transgêneros são os indivíduos que se apresentam com uma identidade do gênero oposto ao seu sexo biológico, para isso existe as nomenclaturas homem/mulher cis e homem/mulher trans⁶. Já os transexuais são pessoas que nasceram com características biológicas avessas ao sexo com o qual se identificam. É um fator psicológico em sua base, que geralmente é definido por eles mesmos como um ser interior preso a um corpo exterior que não condiz com seus pensamentos e atitudes.

5 TELEVISÃO, SEXUALIDADE E INFÂNCIA

Como sabemos a personalidade é construída ao longo da vida, e a infância é quando se moldam as características mais peculiares do ser humano. As influências neste período se constituem desde as primeiras rela-

6 O asterisco utilizado em “trans*” serve para exaltar a singularidade do gênero.

ções da mãe com o bebê e no decorrer da infância com as outras figuras que lhe são apresentadas tais como: outras pessoas da família, da escola, o ambiente onde vive, do qual não se excluem as tecnologias (TV, rádio, internet, smartphones e etc) que tanto estão em evidencia nos últimos tempos.

Segundo Boynard(2005) uma parcela considerável das crianças passa, em contato com a televisão, diariamente, quantidades de tempo iguais ou superiores às que passam com pais ou professores.

Milhões de crianças, em todo o mundo, substituem a ausência familiar e compensam a solidão pela companhia de uma tela colorida, ágil, múltipla, presente, disponível. Os modelos de identificação acabam surgindo desse conjunto de influências.(BOYNARD, 2005, p 287)

O desenho animado exibido na televisão é uma criação audiovisual, em que o aspecto visual acolhe as linguagens verbal escrita, imagética, cenográfica, gestual e até mesmo a moda. Por outro lado, o sistema sonoro abriga as linguagens da música, os ruídos e a verbal oral.

O discurso de gênero e a sexualidade, explorados nos desenhos animados ganham um ar especial. A geração de indivíduos nascidos nos anos 90 é fruto de uma educação que se estabeleceu no limite entre a proibição do sexo e sua liberação em clima de paz e amor nas décadas de 60 e 70, filhos de pais que foram criados na repressão sexual e que, ao se verem carentes de dar um direcionamento mais liberal aos filhos, não sabem qual postura tomar. Neste sentido muitos dos pais não sabem como lidar com o tema e com isto as histórias em quadrinho e as animações se tornam extremamente importantes ao passar pequenas, mas significativas, compreensões do mundo moderno.

Os desenhos animados, desta forma, vêm funcionando como uma Pedagogia Cultural, ou seja, uma forma de ensinar na e pela mídia(KINDEL, 2003), na qual é possível a apresentação de formas de ser homem e de ser mulher, em relação com a intencionalidade de educar e formar indivíduos sociais. O fato dos desenhos animados terem assumido, cada vez mais, um papel significativo na vida das crianças nos motivou a enveredar pela relação destes produtos audiovisuais com a sexualidade, pois envolvem a construção de conceitos por parte dos sujeitos crianças que assistem as produções estabelecendo relações e produções de sentido, mesmo que

sejam estas relações de sentido adequadas a suas convicções e ao seu universo infantil ainda tão singular.

As crianças atribuem aos adultos a figura de autoridade, veem pais e professores como referência de condutas aceitáveis relativas à sexualidade e pautam suas decisões e até mesmos suas atitudes de autocorreção relacionadas nas atitudes destes adultos modelos, mesmo que nem sempre as condutas sejam as mais acertadas. Existe um risco em ter o adulto como modelo que é o da formação distorcida. Por isso o adulto deve refletir antes de tomar determinadas posturas diante da criança.

A necessidade de analisar o conteúdo transmitido é uma forma de penetrar no universo infantil e na compreensão da formação de conceitos sociais, culturais e sexuais de cada um, já que imagens são figuradas em cada personagem. Sabemos que existe uma intencionalidade nas produções das animações e que estas atingem de uma forma ou de outra, a concepção de homem e mulher dentro da cultura na qual a criança está inserida, tornando a sexualidade algo natural ou não (KINDEL, 2003).

6 SAKURA CARD CAPTORS E A IDENTIDADE DE GÊNERO

Para a análise dos elementos citados ao longo deste artigo, vamos utilizar o animê *Sakura Card Captors*, produzido a partir de mangá homônimo, criado em 1996 pelo grupo CLAMP e serializada pela revista *Nakayoshi*, o animê foi produzido pelo estúdio *Madhouse* e transmitido pela emissora NHK, sob a direção de Mamoru Kanbe. No Brasil, a exibição ficou por conta das emissoras Cartoon Network (2000) e Boomerang (2010), na TV fechada, e Rede Globo (2001) que transmitiu em canal aberto. A adaptação para animê foi feita pelo estúdio *Madhouse* e ao todo consta de 70 episódios divididos em 3 temporadas. Também foram produzidas duas animações em longa-metragem e 3 OVA's⁷ baseados na história de Sakura.

A história do animê, gira em torno da personagem Kinomoto Sakura, uma garota de 10 anos que liberta, acidentalmente, um conjunto de cartas chamadas Clow Card e junto com elas o demônio⁸ guardião das cartas cha-

7 OVA's são materiais especiais produzidos direto para vídeo ou usados como conteúdo adicional em games. Eles servem como complementos ou paralelos na história original. Não necessariamente o roteirista original produz estes OVA's.

8 Ao contrário do que o nome pode sugerir em português, muitas vezes seres
Rev.Cad.Comun. Santa Maria, v.22, n.2, art 2, p.44 de 54, maio/ago.2018

mado Kerberus, ou Kero como Sakura e os outros personagens carinhosamente o apelidaram. A missão da garota é de coletar todas as cartas que foram espalhadas pela cidade de Tomoeda e para isto terá que contar inicialmente apenas com a ajuda de Kero. O decorrer da narrativa apresenta outros personagens que ajudarão a protagonista a conquistar o objetivo.

O animê possui uma subdivisão no gênero *shoujo* que é o *maho shoujo* que é basicamente uma obra na qual a personagem feminina possui algum tipo de poder mágico. Toda ambientação visual é apresentada de uma maneira que coloca o espectador imerso em um ambiente infantil de um ponto de vista pré-estabelecido como feminino. O nome da personagem sugere um tom bastante singelo à animação, uma vez que o nome “Sakura” (bastante comum em animês) representa o nome japonês dado as flores de cerejeira, árvore tradicional do Japão e que possui suas flores em cores rosadas. Intencionalmente ou não, toda coloração segue uma paleta de tons pastéis derivados da cor rosa e que sugere uma aura mais suave, elemento este bastante utilizado no gênero *shoujo*.

A personagem central da trama segue o ideal de uma criança que é meiga e delicada e convive majoritariamente em dois universos, que são o doméstico e o escolar, nos quais se passam a maioria das cenas. Sakura não possui mais a mãe, Nadeshiko que está morta desde o início da trama, e convive apenas com o pai Fujitaka e seu irmão Touya. Ela não possui grandes objetivos e é apaixonada por um rapaz mais velho, amigo e colega do seu irmão. Yukito, paixão de Sakura, encarna o estereótipo do jovem culto, sexy, inteligente, alto e bonito, identificado por Luyten(2000)² como o preferencial personagem masculino do *shoujo*.

7 SAKURA, A CENSURA OCIDENTAL E A HOMOAFETIVIDADE

No Canadá e EUA, a série foi censurada, e só foram exibidos 39 episódios, com o nome *Cardcaptors* e centrados no personagem Syaoran, um menino que aparece na sequência da trama e é um rival de Sakura, mas acaba se apaixonando por ela. No Brasil, o canal a cabo Cartoon Network passou a série original sem cortes, já na Rede Globo, ela sofreu vários cortes. Isso porque duas relações de personagens apresentam elementos de

mágicos que não são fadas, nem gnomos ou afins são tratados como demônios (*akuma* no original), comumente estes demônios são figuras cômicas ou meramente mascotes que acabam sendo transformados em pelúcias e afins.

conotação homossexual.

Na primeira delas, Tomoyo, a melhor amiga de Sakura, gosta de filmá-la e vesti-la com fantasias especiais para suas missões (o que causa grande constrangimento na heroína). Tomoyo adora escolher os vestidos que Sakura utilizará em suas batalhas, e sempre comenta o quanto Sakura é linda e especial, mostrando a amizade das duas sem precisar explicitá-la enquanto tema, de forma espontânea, e trazendo um subtexto lésbico. No mangá, a relação platônica de Tomoyo e Sakura é mais clara do que no animê, mesmo assim, houve cortes e alterações de dublagem para deixar o relacionamento mais próximo de uma amizade exagerada e quase caricatural, ao analisar o material original (legendado) como foi feito para este trabalho, a percepção da alteração dos diálogos é bastante sensível e na versão censurada é quase imperceptível o discurso afetivo apresentado na versão original.

Na segunda representação censurada em alguns países ocidentais, Yukito, melhor amigo de Touya, o irmão mais velho de Sakura, que é apresentado como um adolescente inteligente e comilão, por quem a menina nutre uma paixão mal disfarçada desde o início da trama. Mais adiante na história, é revelado que Yukito, sem saber, é o alter-ego humano de Yue, um ser mágico e representante da Lua, ao contrário de Kero que representa o Sol, e um segundo guardião das cartas cuja missão é testar os *card-captors*. Yue é retratado como um personagem amoral e chega a ser cruel às vezes, bem diferente da sua contraparte humana. No mangá, a relação entre Yukito e Touya é mais clara, com os dois dormindo juntos e indo à escola na mesma bicicleta, no animê esta relação só começa a se tornar mais perceptível a partir da terceira temporada, após inúmeras críticas e pedidos dos fãs pelo fato da animação não ser fiel ao mangá.

No animê, a tensão sexual entre os dois é dissipada, porém, mesmo assim, ainda há elementos de homoafetividade entre os dois. Yukito dorme várias noites no quarto de Touya (e nessas noites Sakura é proibida de entrar lá). Mais tarde, quando Yukito quase morre, Touya lhe revela que sabia de sua identidade secreta o tempo todo e sacrifica seus poderes espirituais, entregando-os a ele e selando o amor entre os dois. A cena é envolta em uma aura romântica que acaba com Touya desmaiando nos braços de Yue, enquanto o ser mágico recupera suas forças. Em um episódio posterior, Sakura declara seu amor por Yukito, mas ele responde que seu coração já tem dono e, para surpresa dele, ela declara saber que é o

irmão dela.

A revelação da verdade, estreita ainda mais os laços de amizade entre eles. A aceitação de Sakura de saber que tinha perdido o seu grande amor infantil para alguém que era tão próximo a ela como seu irmão, fez com que Sakura entendesse um pouco mais e se abrisse posteriormente para ouvir os sentimentos de Syaoran.

Entretanto a relação entre Touya e Yukito não é a única a ser representada com indicações de uma relação homoafetiva. O personagem Lee Syaoran, apresentado como um garoto chinês rival de Sakura na busca pelas *clow cards*, possui desde as primeiras aparições um forte sentimento também por Yukito, tornando uma imensa rede de interesses amorosos interligados. Em um diálogo ainda na primeira temporada, durante a segunda aparição de Syaoran, Tomoyo identifica o interesse do garoto em Yukito e comenta que além de rival na busca pelas cartas, eles também seriam rivais pelo amor de Yukito. Em um dado momento, mais à frente na história Yukito e Syaoran conversam, num momento no qual o garoto chinês resolve presentear o outro com um urso de pelúcia, demonstrando assim seu afeto por ele, mas nessa hora Yue assume sua forma principal e revela ao garoto que os sentimentos que ele possuía por Yukito era somente por sua magia ter origens semelhantes. Posteriormente, quando é apresentado um interesse de Syaoran por Sakura, por vários momentos o personagem se indaga do porquê ter sentimentos por Sakura, e a partir de então o interesse romântico de Syaoran por Yukito desaparece da trama. Não é difícil encontrar fãs que ficaram desolados com o fim da possibilidade de um relacionamento entre Syaoran e Yukito, muito embora haja uma grande disparidade em relação as idades, e é possível encontrar na internet várias *fanfics*⁹ em que o relacionamento entre os dois é explorado (em algumas até de forma sexual).

A resolução dos interesses entre Sakura, Yukito, Syaoran e Touya, faz com que a relação entre Sakura e Tomoyo seja deixada de lado ao longo da saga da heroína, entretanto nos episódios finais um diálogo entre as duas reforça o sentimento de Tomoyo e evidencia em uma fala altruísta o

9 Entende-se como *fanfic* um material produzido por fãs de forma não-oficial e derivado de um produto original. Nestes materiais geralmente se apresentam relacionamentos que ficam subentendidos pelos fãs e eles resolvem contar uma história para que estes aconteçam.

quanto ela ficaria feliz, apenas em ver a amiga e pessoa de quem ela tanto gosta feliz.

Além dos relacionamentos atravessados e complexos do animê, ele também apresenta um personagem que pode ser caracterizado como *genderbender* ou *genderless*¹⁰ que é a Ruby Moon. Ruby é uma das aliadas de Eriol, personagem que é encarnação de Clow Reed (criador das *clow cards*) e que aparece na terceira temporada como um rival, mas a verdadeira intenção dele é ajudar Sakura a converter as cartas. Ruby é como se fosse uma resposta a Yue, ela possui uma forma humana que entra para a mesma escola de Yue e Touya e usa o nome de Nakuru Akizuki, nesta forma ela comumente se intromete nos diálogos entre Touya e Yue com a intenção de atrapalhar o relacionamento dos dois e ficar com os poderes de Touya para ela. No episódio 4 da terceira temporada, um diálogo entre Spinel (o outro aliado de Eriol, equivalente ao Kero/Kerberus) e Ruby deixa claro que ela não se importa com a forma que assume.

Spinel: Você não deveria usar o uniforme masculino?

Ruby: Isso não interessa, não é? Além disso os uniformes femininos são mais bonitos que os masculinos. E como não sou humana, o sexo não importa.

O argumento de que ela não é humana, invalida uma caracterização dela como *crossdresser* ou uma personagem trans, na verdade ela não possui um gênero definido e, portanto, pode facilmente transitar entre os dois a depender da boa vontade das autoras da obra. Infelizmente a participação de Ruby na trama é bastante curta, apenas com aparições esporádicas atrapalhando diálogos de Yue e Touya e sua personalidade é pouco desenvolvida ao longo da trama e não possibilitou uma melhor análise da representação dos indivíduos *genderbender* ou *genderless* no animê.

8 O DISCURSO EM SAKURA CARD CAPTORS

A análise do animê *Sakura Card Captors*, remete facilmente aos subtextos deixados pelas autoras utilizando de uma formação ideológica que segundo Brandão(2004) “podemos definir como o conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre

10 Genderless, em uma tradução literal seria alguém livre de gênero. Seria uma pessoa que não se identifica com nenhum gênero.

o interlocutor e o assunto em pauta.” Neste sentido as atitudes e representações de cada personagem estão relacionadas a uma posição social da qual as autoras escrevem. Ainda utilizando Brandão (2004) como referência, ela entende que esta relação gera uma “formação discursiva” que remete aquilo que pode e deve ser dito pelo falante/escritor a partir do lugar, posição social ou ideologia que ele fala.

Em tempos de enormes diálogos sobre direitos sociais, uma análise como a feita neste trabalho propõe uma opção para se pensar as questões de gênero por uma outra ótica. A discussão proposta neste artigo se contextualiza em meio a luta política e afirmativa do grupo LGBTQTT por representação, visibilidade e pela obtenção de direitos, anteriormente negados.

No Japão, e em outras culturas orientais, o assunto é tratado com naturalidade, ainda que com um preconceito (que possui grande parte da sua origem na relação com o mundo ocidental) a cultura de aceitação é maior e mais saudável do que por aqui. Claro que nem tudo no mundo oriental é perfeito, vemos homossexuais serem atirados de prédios pelo estado islâmico apenas por demonstrarem seu amor por outra pessoa de mesmo sexo, enquanto na Tailândia inúmeras mulheres transexuais experimentam a liberdade de viver seu gênero em relação ao seu sexo.

A cultura pop japonesa serve como um alívio para mostrar que temas complexos podem e devem ser levados para diálogo em todos os meios. Sexualidade e identidade de gênero fazem parte de inúmeros mangás e animês publicados anualmente no Japão e tanto o público infantil quanto o público adulto aprenderam a consumir este material. O que impressiona neste mercado, é o desenvolvimento de uma produção diversificada, em larga escala para os padrões internacionais, de materiais gráficos que relacionam as múltiplas identidades sexuais, particularmente homoeróticas e homoafetivas, em uma sociedade cuja cultura se estabelece por forte comportamento machista e patriarcal.

É possível supor que uma atmosfera bastante favorável à diversidade de papéis sexuais construiu-se no Japão e que podem ser encontradas representações deste ambiente nos mangás e animês. A exibição continuada de personagens com diferentes funções desde o próprio ato sexual até os mais singelos relacionamentos interpessoais. As distintas nomenclaturas e até mesmo o afastamento da dicotomia heterossexual-homossexual se põe em cheque, permitindo que se desenvolvessem os mais diversos

segmentos identitários relativos à sexualidade e a identidade de gênero nas artes visuais.

[...] temos numerosas classificações segundo o tipo de prática sexual, variando conforme a idade dos parceiros, o status, o gênero com o qual cada parte se identifica, e o contexto no qual os atos são praticados. Trata-se assim, de um inventário de comportamentos e práticas sexuais adotados em relacionamentos homoeróticos, sem quaisquer extensão de tais práticas para a questão dos sujeitos. Neste contexto é totalmente coerente que um homem que se sente atraído por mulheres possa vir a se sentir igualmente atraído por um *wakashu* ou por uma *onnagata*, sem que duvide de sua orientação sexual voltada para o sexo oposto. (ARANHA, 2014 p.247)

Compreender que é possível utilizar estes temas, que seriam inusitados para o mundo ocidental, em obras de animação é compreender que é possível dialogar com toda a diversidade de identidades culturais e, neste caso, sexuais sem o perigo de tropeçar em visões deterministas quanto a conceitos do que seja impróprio ou antinatural. O público japonês se acostumou a ver esta vasta gama de diversidade sendo representada em papéis e animações, sem tratar estas questões como problemas ou transtornos.

O animê *Sakura Card Captors*, mostra uma fase comum a todos os seres humanos, o descobrimento do amor, da sua identidade e da sua sexualidade. Quando o animê retrata um garoto de 10 anos que se apaixona por outro mais velho e depois se descobre apaixonado por outra garota da sua idade, mostra de um modo sensível tudo aquilo que a maioria das pessoas vive quando descobre que possui um lado afetivo para a mais do que a amizade. Assim como quando Tomoyo é madura o suficiente de entender os seus sentimentos por Sakura e ainda assim ser altruísta para acreditar que será feliz tendo a pessoa que ama feliz, mesmo que seja com outra pessoa, isso é uma fase comum e de formação não só de identidade, mas de caráter e de percepções de mundo.

Todo o animê mostra uma relação sempre singela, representando um discurso homoafetivo mesmo que de forma velada e romantizada. Sakura não pode ser considerada como o exemplo de estereótipo absoluto dos animês do gênero *shoujo*, existem obras que tratam de temas muito mais complexos, como gravidez, o próprio processo de puberdade e etc., to-

dos os elementos que compõem o conjunto do mundo adolescente. Ainda que em alguns momentos o gênero reforce os ideais de ser menino e ser menina, em várias obras estes ideais são quebrados ao se inserir personagens *genderbender* ou *genderless* por exemplo.

A censura aplicada a esta obra e as inúmeras outras que desembarcaram aqui no Brasil, mostram o quanto a nossa sociedade possui leituras completamente diferentes e em alguns momentos pode chegar a inserir visões deturpadas de elementos que sequer existem na obra, ou que são tratados de maneiras tão sutis que nem mereceriam censura. Apesar de o Japão apresentar uma cultura sexista, de prevalência do homem sobre a mulher e etc. o modo como a cultura nipônica lida com a educação sexual ou a produção de material de entretenimento relacionado as questões de identidades de gênero e práticas sexuais, é muito mais integrador do que no Brasil. “As diversidades de identidades de gênero são apresentadas como possíveis, existentes e acima de tudo, ambientadas numa convivência social”(BRAGA JUNIOR, 2014, p.109).

Quando os animês apresentam relações como a de Yukito e Touya, ou a relação de Tomoyo e Sakura os elementos de *shotacon*, *lolicon*, *shoujo-ai* e etc. penetram na narrativa de forma bastante sutil. É assim que acontece num produto cujo gênero principal é uma aventura fantasiosa, discretamente tais elementos são inseridos de modo que não afetam a narrativa de um modo geral, apresentando subtramas que se tornam em muitos momentos tão atrativos e objetos de estudo quanto a história principal. Para muitas pessoas a busca pelas cartas é praticamente deixada de lado, enquanto elas torcem para o desenvolvimento das tramas afetivas entre seus personagens favoritos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário lembrar que já foi dito que nem todo animê é feito para crianças, eles possuem suas faixas etárias e determinação por gênero e isto faz com que o segmento encontre diversas formas de abranger diferentes temáticas com extrema facilidade. No Brasil e no mundo ocidental, a concepção de que toda obra de animação é voltada para o público infantil tem perdido força ao longo do tempo, com produções que focam em um grupo social mais elevado. Como exemplo temos as produções de *Os Simpsons*, *Futurama* e *South Park*, que tratam de temas polêmicos para a

nossa sociedade com um ar de sarcasmo e até mesmo utilizando elementos de humor negro que acabam gerando um sentimento dualista de amor e ódio do público com estas obras.

O grande elemento é que o público LGBTTT precisa de representação para se fazer visto e de certa forma a influência do mundo dos mangás e animês servem como uma forma de levar ao grande público este discurso de aceitação também do lado de cá do planeta. É fácil compreender que com o desenvolvimento acelerado da internet e a facilidade de consumo na rede, as novas gerações estão construindo seu referencial cultural e suas percepções a respeito das mídias e sua potencialidade partindo de um horizonte muito mais amplo e globalizado. É possível que os próximos anos apresentem tentativas mais ousadas do mercado de animação ocidental em ampliar a área de alcance para além do terreno da infância em resposta justamente a esse público de referências e modos de pensar cada vez mais variados e diversos.

Este artigo visou mostrar como a ausência de um debate aberto sobre a sexualidade é negar uma educação sexual sadia e, por não apresentar a diversidade às crianças, evita de combater os preconceitos. O preconceito é não só uma forma de ódio, mas também uma forma de demonstrar que a sociedade é mal-educada e mal preparada para acolher aqueles que fujam da sua perspectiva padronizada e normativa. Acreditamos que visões singulares têm a capacidade de mudar o mundo, mas quando constatamos que uma animação, que apresenta a descoberta do amor por duas ou mais pessoas, desconsiderando a norma binária, foi censurada pela sociedade brasileira isso demonstra que a luta pela visibilidade dos gêneros e sexualidade se mostra em seu princípio e que necessita de maiores e profundos debates.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, G. Vozes abafadas: o mangá yaoi como mediação do discurso feminino. In: BRAGA JUNIOR, A. X. (Ed.); **Questões de sexualidade nas histórias em quadrinho**, 2014. Maceio: EDUFAL.
- BOYNARD, A. L. S. Desenho animado e formação moral: Influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico. **Anais...** . p.283, 2005. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- BRAGA JUNIOR, A. X. A diversidade homoafetiva nos quadrinhos japoneses. In: A. X. B. Junior (Ed.); **Questões de sexualidade nas histórias em quadrinho**, 2014. Maceio: EDUFAL.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: G. L. Louro (Ed.); **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. p.151–172, 1999. Belo Horizonte: Autêntica.
- BARROS FILHO, C. **Ética na Comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.
- COLLING, L. AQUENDA, A METODOLOGIA! UMA PROPOSTA A PARTIR DA ANÁLISE DE AVENTAL TODO SUJO DE OVO. **IV ENECULT -Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 28 a 30 de maio de 2008 Faculdade de Comunicação**.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GREEN, J.; POLITO, R. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.
- KINDEL, E. A. I. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem , mulher , raça , etnia e outras coisas mais ...**, 2003. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LUYTEN, S. M. B. **Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Hedra, 2000.
- SIQUEIRA, D. DA C. O. **O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais**. Em *Questão*, v. 12, n. 1, 2006.

Marcelo Pires de Oliveira

Doutor em Multimeios pela UNICAMP; Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz(UESC); Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação.

E-mail: mpoliveira@uesc.br

Ueslei Madureira Sá

Graduado no Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz(UESC); Grupo de Pesquisa em Folkcomunicação.

E-mail: uesleimadureira@gmail.com

RECEBIDO EM: 27/01/2017

ACEITO EM: 27/03/2017